




## CULTURA DA ERVA MATE E IMPACTOS DA CRESCENTE PRODUÇÃO DE SOJA NO RIO GRANDE DO SUL

*Herb Mate Culture and Impacts of the Growing Soybean Production in Rio Grande do Sul*

*Cultivo de Yerba Mate e Impactos de la Creciente Producción de Soja en Rio Grande do Sul*

Maurício Vielmo Severo<sup>1</sup> 

João Victor Bergamo Siqueira<sup>2</sup> 

### RESUMO

A expansão da produção de soja no Rio Grande do Sul teve impactos significativos sobre a cultura tradicional da erva-mate. A crescente demanda global por soja como *comodities* agrícolas resultou na conversão de áreas anteriormente dedicadas ao cultivo de erva-mate em extensas plantações de soja. Esse deslocamento territorial alterou o panorama agrícola, afetando a produção e a cultura da erva-mate no Rio Grande do Sul. Além da transformação física do ambiente rural, a competição por recursos naturais e mão de obra impactou diretamente as comunidades locais que historicamente dependiam da erva-mate como fonte de subsistência e identidade cultural. O avanço da monocultura de soja também trouxe desafios ambientais, como a perda de biodiversidade, o uso intensivo de agroquímicos e as mudanças nos padrões de uso da terra. O impacto da expansão da soja sobre a erva-mate evidencia a complexa interação entre a agricultura de commodities, a economia local e as práticas culturais tradicionais. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo evidenciar os impactos da produção em soja no Rio Grande do Sul sobre a cultura da erva mate, a partir da exposição de mapas e de revisão bibliográfica acerca do assunto.

**Palavras Chave:** Erva Mate; Soja; Produção.

### ABSTRACT

The expansion of soybean production in Rio Grande do Sul has had significant impacts on the traditional culture of yerba mate. The growing global demand for soybeans as an agricultural commodity has led to the conversion of areas previously dedicated to yerba mate cultivation into extensive soybean plantations. This territorial displacement has altered the agricultural landscape, affecting yerba mate production and culture in Rio Grande do Sul. In addition to the physical transformation of the rural environment, competition for natural resources and labor has directly impacted local communities that historically relied on yerba mate as a source of livelihood and cultural identity. The advancement of soybean monoculture has also brought environmental challenges, such as loss of biodiversity, intensive use of agrochemicals, and changes in land use patterns. The impact of soybean expansion on yerba mate highlights the intricate interaction between commodity agriculture, the local economy, and traditional cultural practices. In this regard, this study aims to underscore the impacts of soybean production in Rio Grande do Sul on yerba mate culture, using map displays and literature reviews on the subject.

**Keywords:** Mate herb; Soy; Production.

<sup>1</sup>. Universidade Federal de Santa Maria, [mauriciovsevero@gmail.com](mailto:mauriciovsevero@gmail.com)

<sup>2</sup>. Universidade Federal de Santa Maria, [joaovictorbergamosiqueira@gmail.com](mailto:joaovictorbergamosiqueira@gmail.com)

## RESUMEN

La expansión de la producción de soja en Rio Grande do Sul ha tenido impactos significativos en la cultura tradicional de la yerba mate. La creciente demanda global de la soja como commodity agrícola ha resultado en la conversión de áreas antes destinadas al cultivo de yerba mate en extensas plantaciones de soja. Este desplazamiento territorial ha alterado el panorama agrícola, afectando la producción y cultura de la yerba mate en Rio Grande do Sul. Además de la transformación física del entorno rural, la competencia por los recursos naturales y la mano de obra ha impactado directamente en las comunidades locales que históricamente dependían de la yerba mate como fuente de subsistencia e identidad cultural. El avance de la monocultura de soja también ha traído desafíos ambientales, como la pérdida de biodiversidad, el uso intensivo de agroquímicos y cambios en los patrones de uso de la tierra. El impacto de la expansión de la soja en la yerba mate resalta la compleja interacción entre la agricultura de commodities, la economía local y las prácticas culturales tradicionales. En este sentido, este estudio tiene como objetivo subrayar los impactos de la producción de soja en Rio Grande do Sul en la cultura de la yerba mate, utilizando representaciones cartográficas y revisiones bibliográficas sobre el tema.

**Palabras clave:** Yerba Mate; Soja; Producción.

## INTRODUÇÃO

A partir da Revolução Verde no Brasil a partir da década de 60, e a consequente expansão do modelo produtivo do agronegócio, observou-se que no campo brasileiro o cultivo de algumas espécies de plantas foi sendo substituídas inicialmente por variedades modernas, posteriormente pelos híbridos e mais recentemente pelos transgênicos (organismos geneticamente modificados - OGM). Este processo de substituição do modelo de cultivo e das espécies cultivadas pode causar perdas ambientais e culturais irreparáveis.

Carlos Walter Porto Gonçalves (2011), chama atenção para o fato de que o uso reduzido de ingrediente na alimentação, reduz também, os saberes. Isso porque, nos locais, não é possível dissociar a alimentação dos conhecimentos dos recursos naturais: saberes e sabores são indissociáveis. Ou seja, podemos relacionar que a substituição do cultivo da erva mate, tradicionalmente ligado aos povos indígenas, e camponeses, pelo cultivo da monocultura de soja também resulta na perda de saberes e sabores.

Remete-se à sua importância pelo seu valor cultural e nutritivo integrada ao agro ecossistema, principalmente na região sul do Brasil, desde a antiguidade. O cultivo de erva mate também possui um valor simbólico em cerimônias religiosas, festas populares; possui um significado de uma relação comunitária entre os que necessitam plantar, além de renovar e resgatar a relação dos homens com a natureza.

As comunidades tradicionais, indígenas, quilombolas ou de agricultores familiares tiveram seus conhecimentos subjugados pela racionalidade econômica imposta, nas últimas décadas, pelo sistema capitalista. Conhecimentos esses que contribuem para a conservação da biodiversidade e para manter os agros ecossistemas em equilíbrio.

É necessário então pensar e construir estratégias para resgatar e conservar os saberes e tradições que envolvem a produção de erva mate. Dessa forma, o trabalho constitui-se de uma revisão bibliográfica sobre os processos históricos e geográficos da erva mate. Além disso, produziu-se mapas coropléticos da produção erva mate e de soja entre o ano 2000 e 2020 no Rio Grande do Sul, afim de analisar as áreas de produção, quais as evoluções e impactos.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa é um procedimento reflexivo e crítico que busca respostas e argumentos para solucionar problemas ou problematiza-los. Segundo Eduardo Moresi (2003) O planejamento e a execução de uma pesquisa fazem parte de um processo sistematizado que se dividem em partes. São elas:

1) escolha do tema; 2) revisão de literatura; 3) justificativa; 4) formulação do problema; 5) determinação de objetivos; 6) metodologia; 7) coleta de dados; 8) tabulação de dados; 9) análise e discussão dos resultados; 10) conclusão da análise dos resultados; 11) redação e apresentação do trabalho científico (dissertação ou tese).

O presente trabalho está dividido em duas partes e trata-se de uma análise a respeito do avanço da agricultura moderna, em especial a soja, em detrimento da produção e distribuição da produção de erva mate no Rio Grande do Sul. Na primeira parte é realizada uma caracterização da erva mate, sua origem e os processos evolutivos do uso, cultivo e apropriação. Na segunda parte são apresentados os resultados obtidos sobre o avanço da monocultura de soja e os impactos sobre a erva mate.

Para a elaboração do trabalho foi feito um levantamento bibliográfico acerca da erva mate e dos processos de desenvolvimento da agricultura. Posteriormente foi feita a leitura e a seleção da bibliografia que são aplicáveis ao tema e a coleta de dados acerca da produção da erva mate e da soja.

Para a elaboração dos mapas utilizados nesse trabalho, foram utilizados para a pesquisa os planos de informação sobre a produção em toneladas da erva mate e da soja no ano de 2000 e 2020 coletados no Sistema IBGE de Recuperação Automática – SIDRA.

As informações cartográficas utilizadas foram obtidas do site do IBGE na aba “portal de mapas”. Os processamentos digitais, bem como o banco de dados foram organizados e gerenciados no SIG QGIS 3.16.16. Foram unidos a tabela com a camada das Unidades da Federação (UF), utilizando como referência o código de cada município. Após a união foi exportado o plano de informação (UF) após a união da tabela, esse processo é necessário para salvar as informações na tabela de atributos. Foi uma renderização dos dados em “graduado”, utilizando a coluna da tabela

de atributos referente a espacialização desejada. Utilizando como modo “quebras naturais (jenks)”. Após esse processo foi feita a análise da distribuição espacial dos dados.

### Origem e evolução da erva mate

O ato de consumir mate, uma bebida tradicionalmente preparada a partir das folhas da erva mate, tem suas origens profundamente ligadas aos povos que indígenas que habitam a América do Sul. Evidências históricas e culturais apontam para essa prática ancestral, destacando a importância do mate na vida das comunidades. A partir disso, Linhares (1969, p.3) expressa essa relação ao afirmar que “A América nasceu bebendo mate. Antes que o espanhol nela pusesse os pés [...]”.

A respeito da planta que se produz a erva mate, trata-se de uma árvore, que cientificamente ficou conhecida como *Ilex paraguariensis* A. St.-Hil, sendo categorizada pelo explorador e estudioso francês Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853) no início do século XIX (Gerhardt, 2013). Quando cresce em seu habitat natural, pode atingir até 15 metros de altura. Suas folhas possuem cerca de 8 cm de comprimento e 4 cm de largura, com bordas que lembram dentes (Costa, 1989; Luz, 2011).

Quanto à nomenclatura da erva-mate, os povos Kaingang, que habitavam a região de Curitiba, também consumiam a erva, a qual eles denominavam de *congoin* (Boguszewski, 2007). Os Guaranis, por sua vez, a chamam de *caa*, e quando as folhas são infundidas, é chamada de *caa-í*; o recipiente utilizado é chamado de *caiguá*, que pode ser entendido como cuia (Fagundes, 1995, apud. por Luz, 2011).

O termo "mate" tem sua origem em "*mati*", uma palavra da língua quíchua que significa cuia, porongo ou cabaça. Consequentemente, os espanhóis associaram o nome do recipiente usado para beber com o nome da própria bebida. Assim, o ato de beber "mate" se popularizou nas Américas, e no Rio Grande do Sul, a erva-mate também é conhecida como chimarrão (Martins, 1926, Apud. Boguszewski, 2007).

Tradicionalmente, o chimarrão é consumido quente e sua preparação requer uma cuia, uma chaleira e uma bomba. Contudo, atualmente, a garrafa térmica ganhou preferência em vez da chaleira, devido à sua praticidade. A infusão da erva é aspirada por meio da bomba, um tipo de canudo com cerca de 20 cm de extensão. Tomar o chimarrão, assim como ocorre com muitas bebidas, é apreciado em companhia, como as populares "rodas" de chimarrão, onde reúnem amigos e estranhos, proporcionando uma sensação de unidade semelhante à de um clube. Embora seja possível desfrutar do mate sozinho ou com apenas uma ou duas pessoas, é nas reuniões maiores que se manifesta a forma mais tradicional de compartilhar esse alimento (Boguszewski, 2007).

**Figura 1.** Folhas de Erva Mate



**Fonte:** Gerhardt (2013, p.28)

A ocorrência natural da erva-mate está intimamente ligada ao bioma da Mata Atlântica, mais especificamente, como aponta Costa (1989, p.7) “[...] formação de araucária [...]”. Essa planta endêmica encontra sua casa nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso do Sul e também nas áreas mais altas de São Paulo. Além disso, a tradição atravessa fronteiras nacionais, abraçando tanto o Paraguai quanto a Argentina como parte do seu legado (Andrade, 1999).

**Figura 2.** Distribuição Geográfica da *Ilex Paraguariensis*



Fonte: Gerhardt (2013, p.35)

A partir da colonização espanhola, seguindo o Tratado de Tordesilhas (1494), a parte Oeste do continente Americano fica sob domínio espanhol. Sendo assim, os primeiros registros acerca do uso da erva-mate ou “erva do Paraguai”, ocorreu em Lima no Peru (Linhares, 1969). Tudo indica que o uso do mate no Peru somente seria possível, por conta das trocas entre os povos da Bacia do Prata com os povos Quíchuas, que percorriam grandes distâncias entre a Cordilheira dos Andes (Linhares, 1969; Luz, 2011).

Nos primeiros anos da colonização, a igreja católica se opôs ao consumo da erva mate, chegando até a obter sua proibição. As acusações, eram totalmente irracionais, sem nenhum conhecimento sobre a erva, sendo assim alegavam que era prejudicial a saúde, causava vício e hábitos negativos, bem como ser referida como a "erva do diabo" (Linhares, 1969). Contudo, um

dos principais motivos para a proibição era a resistência dos Pajés em relação catequização, pois queriam manter seus costumes, sendo assim, na visão da igreja, os rituais indígenas e sobretudo o que envolve a erva mate, eram classificados como contato com o diabo ou também conversa com o diabo (Golin, 2022).

A proibição não alcançou o resultado desejado, já que as pessoas persistiram em consumir e produzir a bebida; muitos espanhóis até desenvolveram um gosto por ela. Nesse contexto, a situação alimentar dos espanhóis era extremamente precária, pois as plantações eram escassas e eles dependiam de frutas, raízes, caça e pesca para complementar sua dieta. Dessa maneira, começou a surgir o reconhecimento dos benefícios da erva-mate como um complemento alimentar e também de valor econômico (Linhares, 1969; Golin, 2022).

A exploração econômica da erva mate, ocorre durante o período das missões jesuíticas (1610-1768), que abrangeu a maior parte da região de origem da erva-mate, existiram duas fases das missões, sendo a primeira no Guairá que na atualidade compreende-se pela região do Paraná e Paraguai, e a segunda fase conhecida como os sete povos, que localiza-se no Rio Grande do Sul. Essa atuação resultou em um aumento da produção, do comércio e da exportação da erva-mate. Os jesuítas, ao obterem o monopólio concedido pelas autoridades espanholas para a fabricação da erva, mantiveram esse domínio até 1768, quando se viram compelidos a deixar a América do Sul, por conta da disputa pelo território missionário entre Portugal e Espanha, que resultou na sangrenta guerra Guaranítica (Linhares, 1969; Boguszewski, 2007; Golin, 2022).

Quando delimitadas as fronteiras no Rio Grande do Sul, tem-se início a colonização europeia no início do século XIX até 1930, como aponta Gerhardt (2013, p.159) “Com a colonização, o ambiente foi transformado, a terra privatizada, novas paisagens foram construídas, animais e plantas que antes predominavam nos ecossistemas florestais perderam seu habitat [...]”. Contudo, houve duas etapas desse processo, sendo o primeiro próximo à capital Porto Alegre, e o segundo para a região do Planalto riograndense. Os imigrantes estabeleceram interações com a população nas regiões de colonização, e não causaram uma separação abrupta do estilo de vida caboclo e suas técnicas agrícolas, mas sim absorveram, ajustaram conhecimentos e gradualmente influenciaram a configuração da paisagem colonial. Além disso, os imigrantes não tinham poder aquisitivo para comprar bebidas, logo habituaram-se com o chimarrão, visto que a erva mate tem um baixo custo (Gerhardt, 2013).

A exploração da erva mate que no início do século XX era feita por meio do extrativismo, perde seus ervais nativos devido a exploração madeireira por volta de 1950 e 1970. Em seguida, esse processo de desmatamento se agrava com a modernização da agricultura e o avanço das lavouras, principalmente a cultura da soja (Andrade, 2002, Apud. Luz, 2011). Juntamente a esse

processo, tem-se início a industrialização da erva mate, que segundo Kichel (2002, p.15 apud. Luz, 2011)

Até meados do século XX o setor ervateiro assim como o setor primário exportador foram marcados pelo processo de industrialização [...] A modernização da estrutura da produção fez com que as culturas tradicionais, principalmente as cultivadas por pequenos produtores, fossem gradativamente deslocadas para uma posição secundária, com diminuição relativa nas quantidades físicas e no valor da produção. Isso se verifica nos anos 60 e 70, em que culturas para exportação como a soja, devido a modernização tecnológica e linhas específicas de crédito ganham espaço, tornando-se nos anos 80 culturas dinâmicas.

No século XXI, especialmente no contexto do sul do Brasil, a estrutura fundiária relacionada à produção de erva-mate está predominantemente organizada em minifúndios. Essa estrutura é caracterizada por ser uma cultura baseada em pequenas propriedades familiares e se mostrado como uma alternativa financeira para os agricultores, visto que a atividade tem caráter de rendimento anual (Luz, 2011).

Nesse sentido, à medida em que ocorrem avanços na modernização do setor rural e uma notável valorização das commodities, o estado do Rio Grande do Sul também está alinhado com esse modelo. Sendo assim, no próximo capítulo será abordado a relação entre as áreas de produção de erva mate e o avanço da cultura da soja, entre os anos de 2000 e 2020.

### **Avanço da Monocultura da Soja e os Impactos sobre a Erva Mate**

No final do Século XX, o sistema de produção capitalista passou por transformações profundas. Essas mudanças foram impulsionadas, por um lado, pela crise e desintegração do socialismo no leste europeu e, por outro, pela consolidação do processo de globalização do capitalismo monopolista através do neoliberalismo. Esse processo acarretou uma reestruturação territorial global, com relação à formação, aquisição e fusão de monopólios econômicos, que passaram a dominar a economia em âmbito internacional. A partir desse contexto, a agricultura, que outrora se apoiava na produção camponesa com robustos subsídios agrícolas, passou por transformações profundas, a partir da revolução verde, com o uso de maquinários, sementes transgênicas e agrotóxicos (Porto-Gonçalves, 2011; Oliveira, 2012).

Nesse sentido, a agricultura dentro do sistema capitalista mundializado adotou uma estrutura fundamentada em três pilares: a produção de commodities, as bolsas de mercadorias e os monopólios globais. No primeiro, o objetivo foi converter toda a produção agropecuária, silvicultura e atividade extrativista em mercadorias destinadas ao mercado global. O que resultou foi a mudança do enfoque da produção de alimentos, o que antes era de uma questão estratégica nacional, transforma a produção de alimentos em mercadorias comercializáveis no mercado mundial, independentemente do local de produção (Oliveira, 2012).



Em relação as bolsas de mercadorias, a regulação desse comercio ocorre por meio da bolsa de valores, sendo a Bolsa de Chicago determina os preços da soja, milho, trigo, farelo e óleo de soja. Enquanto isso, na Bolsa de Londres, são estabelecidos os preços de outros produtos como açúcar, cacau e café, entre outros. Na Bolsa de Nova York, as cotações do algodão, açúcar, cacau, café e suco de laranja são monitoradas. No Brasil, a BM&FBovespa atua no mercado futuro de commodities como soja, milho, café, etanol e boi gordo (Oliveira, 2012).

E a formação dos monopólios globais possibilitou o controle monopolista da produção no setor de commodities. Essas corporações globais têm suas raízes nas multinacionais, constituídas por meio de investimentos diretos de capital, incluindo filiais, fusões, parcerias e franquias, em um processo global. Dessa forma, essas empresas surgem a partir da fusão de empresas estrangeiras e nacionais que detêm o monopólio da produção, elevando-as ao cenário mundial por meio de associações predominantes com concorrentes nacionais. Essas corporações se organizam por meio de dois processos monopolistas territoriais para controlar a produção agropecuária global: territorialização dos monopólios e a monopolização dos territórios (Oliveira, 2012).

Ademais, existem outros fatores que estão juntos nessa nova fase da agricultura, que se relaciona com a tecnologia. Pois, com as novas técnicas de tecido, células e organismo geneticamente modificados, ocorre um processo que se assemelha com a desmaterialização e transmaterialização, ou seja, a partir das tecnologias de produção de enzimas por exemplo, é possível buscar outras fontes de matéria prima para produção (Porto-Gonçalves, 2011).

Nesse sentido, Santos (1997) afirma que a intervenção humana no ambiente resulta em uma transformação do próprio ser humano, o autor explora as diversas interações entre sociedade e espaço, destacando que, nos dias atuais, a compreensão dessa relação está marcada pela separação decorrente da crescente artificialização da natureza. Essa última é identificada como uma "segunda natureza", e à medida que se afasta das formas originais de interação com o espaço, a presença humana ganha relevância na construção desse contexto.

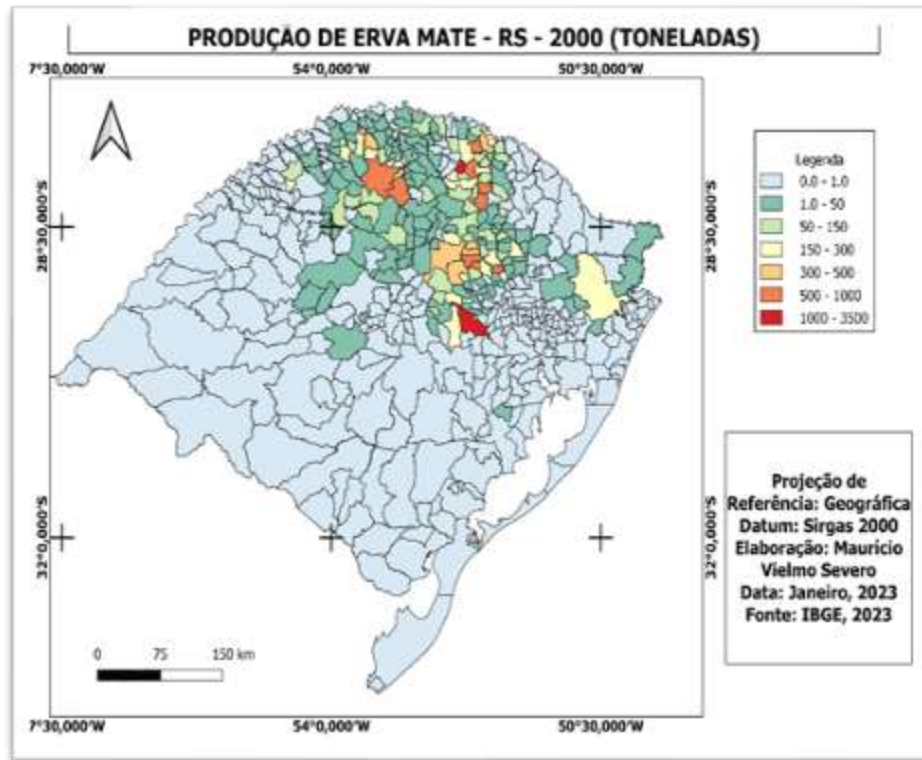
Desse modo, as relações com o espaço-tempo também estão sendo modificadas, visto que o mundo globalizado, atualmente encontra-se em meio a um complexo processo de controle do tempo, o que acarreta em diversas temporalidades em conflito. Sendo assim, há temporalidades naturais e culturais, sendo a primeira relacionada com a natureza, onde não necessitam de intervenção humana, porém estão sendo modificados pela ação antrópica, como os diversos tipos poluição. A segunda, relaciona-se com a forma que os diferentes povos estabeleceram relações com o espaço e com a natureza, ou seja, seu modo de vida no globo (Porto-Gonçalves, 2011).

Além disso, Leff (2009) diz que as mudanças culturais originadas por esse modo de exploração resultaram na perda de uma vasta quantidade de conhecimentos práticos desenvolvidos

ao longo de séculos de experiência produtiva pelas comunidades nativas. Esses conhecimentos haviam possibilitado uma utilização mais sustentável dos potenciais ecológicos de seus territórios. Como resultado, o sistema capitalista interrompeu a harmonia entre os sistemas naturais e as estruturas sociais. A introdução de modelos econômicos, tecnológicos e culturais inadequados em termos ecológicos, durante um longo período de dominação colonial e imperialista, deu origem a uma irracionalidade na produção. Isso se traduziu em uma gestão ineficiente dos recursos ecológicos e energéticos, bem como no aumento dos custos ambientais na produção de bens de uso e mercadorias.

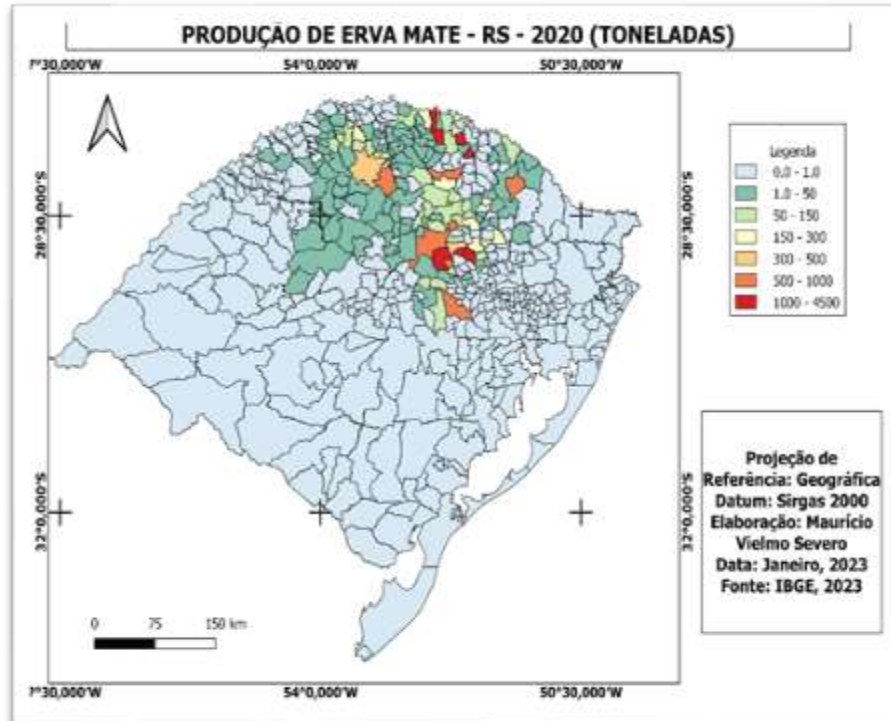
Sendo assim, essa nova relação com o espaço- tempo, tecnologias, mercado e política, estão substituindo uma série de saberes e produtos tradicionais (Porto-Gonçalves, 2011). Portanto, na realidade do Rio Grande do Sul, em que as características das propriedades rurais centravam-se na pequena propriedade, na policultura, na mão de obra familiar e no uso de recursos naturais para produção, ocorre uma homogeneização da agricultura, principalmente da soja (Luz, 2011). Sendo assim, este trabalho faz uma análise entre a produção de erva mate e soja no período do ano 2000 e 2020, a partir de mapas coropléticos.

Figura 3. Produção de erva mate no Rio Grande do Sul no ano 2000



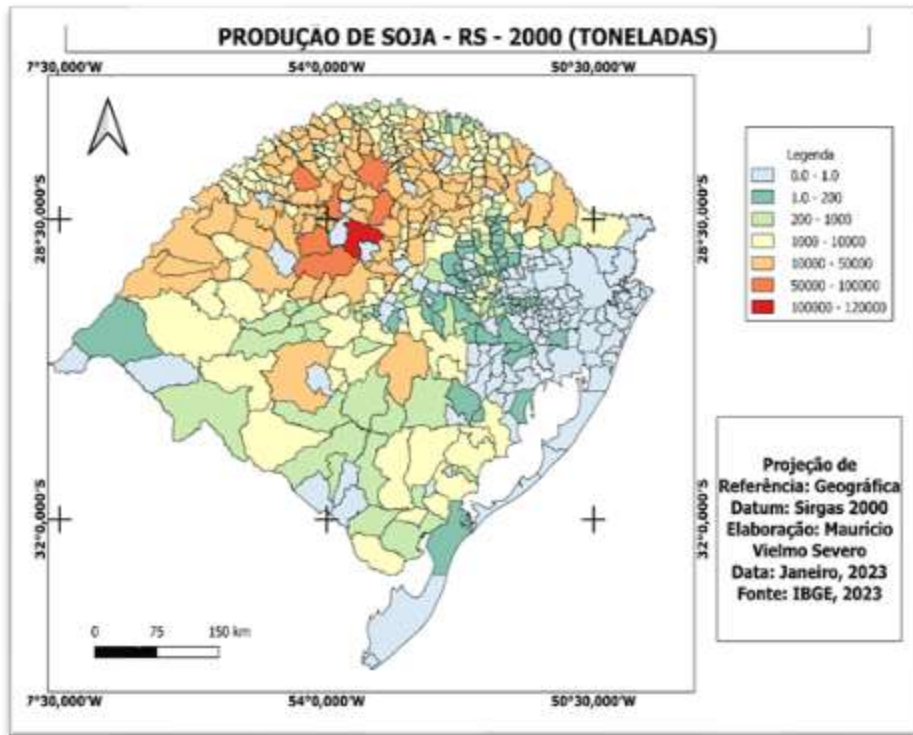
Fonte: O autor.

Figura 4. Produção de erva mate no Rio Grande do Sul no ano 2020.



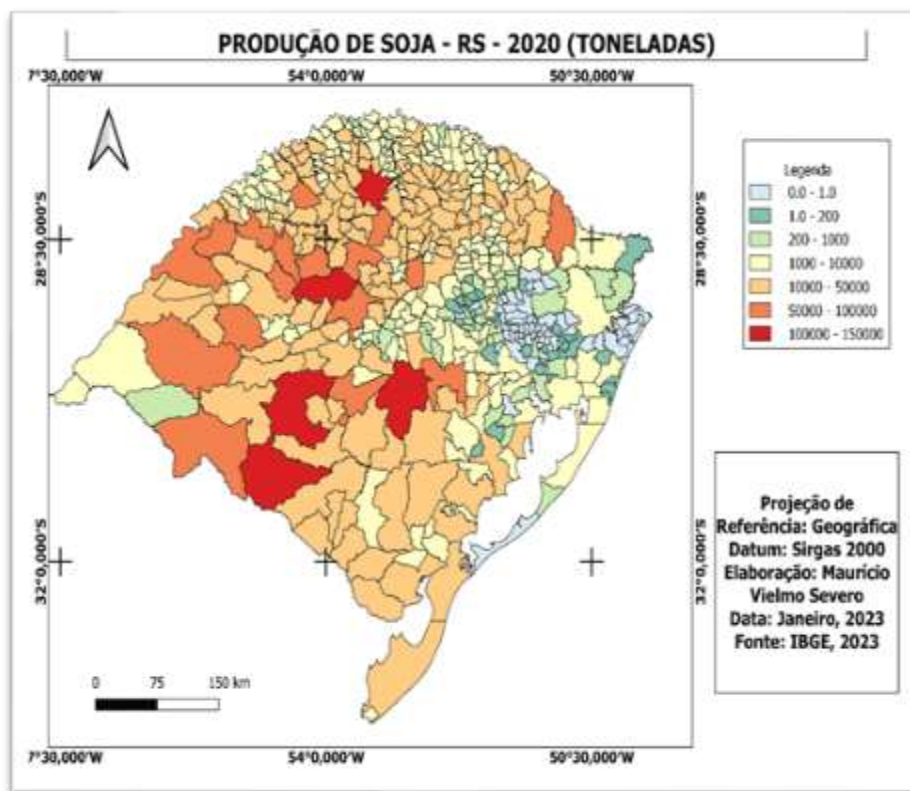
Fonte: O autor.

Figura 5. Produção de Soja no Rio Grande do Sul no ano 2000



Fonte: O autor.

Figura 6. Produção de Soja no Rio Grande do Sul no ano 2020.



Fonte: O autor

A partir dos mapas expostos, é possível indicar algumas proposições a respeito das relações entre as áreas de plantio de erva mate e soja. Primeiramente, a figura 3 apresenta uma produção de erva mate distribuída entre a região norte e nordeste, enquanto a soja ainda não havia ganhado terreno. Contudo, na figura 4 algumas regiões não contabilizam a presença da produção de erva mate, ou seja, há uma diminuição de área plantada. O informativo Roda de Mate (2023, p. 2) aponta que “No ano de 2012, as áreas cultivadas no país totalizavam 82,9 mil hectares, tendo, no período de 10 anos, minguado aos 72 mil [...]”, além disso, Roda de Mate ainda diz que, “Tal decréscimo foi mais acentuado no estado do RS, onde se percebeu redução de 20,86% dos ervais gaúchos” (2023, p. 2).

Ademais, a produção de folha verde em âmbito nacional, teve um aumento, em quanto no Rio Grande do Sul ocorre uma diminuição da produção, conforme o quadro abaixo:

**Quadro 1.** Volume (ton) de produção de Erva Mate no Brasil.

UF	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021
Paraná	180.853	195.403	225.078	217.851	242.009	238.244	182.285	197.352	228.382	238.110
Santa Catarina	69.064	50.740	98.594	91.349	89.625	78.078	93.400	89.909	83.233	76.763
Rio Grande do Sul	260.866	265.515	276.232	292.416	297.141	302.000	232.971	233.434	214.552	242.018
Mato Grosso do Sul	2.473	3.793	2.655	1.313	1.781	1.449	1.293	1.564	1.379	1.096
Total	513.256	515.451	602.559	630.929	630.556	619.771	509.949	522.259	527.546	557.987

**Fonte:** Informativo Roda de Mate (Abril, 2023, p.2)

A respeito do aumento da produção em decorrência da diminuição da área plantada o informativo Roda de Mate, aponta que “[...] se deve principalmente a evolução na produtividade por hectare. Conseguida através da aplicação de práticas modernas e adequadas no manejo dos ervais”. Nesse sentido, em relação as novas técnicas de plantio e a expansão da agricultura moderna, apronta Brum (1988, apud. Luz, 2011) “Uma minoria dos agricultores, aqueles que se estruturaram de forma empresarial, foram mais ou menos favorecidos, enquanto os pequenos proprietários rurais foram sendo marginalizados no processo”. Sendo assim, trata-se de um desenvolvimento desigual, pois favorece apenas o grande produtor. Dessa forma, ele passa a obter

vantagens para comprar terras, e conseqüentemente produzir o grão que rende mais economicamente, nesse caso em específico a soja.

A partir disso, as figuras 5 e 6, condizem a explanação já feita, pois ocorre um aumento significativo da produção de soja, em especial na região oeste, porém passa-se a produzir em áreas que antes era predominantemente de erva mate. Além disso, na figura 6 a soja está presente em um grande número de municípios no Rio Grande do Sul, com mais ou menos intensidade. Com isso, a região da serra torna-se uma exceção na figura 6, pois não possibilita a mecanização da agricultura por conta do relevo acidentado, sendo assim predomina-se a pequena propriedade familiar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devido à sua origem nativa, o consumo do mate estabeleceu suas próprias fronteiras geográficas, desempenhando historicamente e ainda nos dias atuais o papel de elo cultural entre as populações de diversos países da região sul. Da mesma forma, também conectou habitantes de diferentes regiões dentro de um mesmo país, como é evidente nos estados do sul do Brasil. Ao contrário do café e da cana-de-açúcar, que foram introduzidos de fora, o mate é um alimento derivado de uma planta autóctone do Brasil (Boguszewski, 2007).

Contudo, a expansão da produção de soja no Rio Grande do Sul causou repercussões profundas na cultura tradicional da erva-mate. O aumento da demanda global por soja levou à transformação de áreas outrora dedicadas à erva-mate em vastas plantações de soja. Essa mudança faz parte de um contexto mais amplo de transformações na agricultura global, onde a produção é regulada pelo mercado e pela indústria.

Esse deslocamento territorial reconfigurou a paisagem agrícola, impactando negativamente a cultura da erva-mate. Nesse sentido a expansão da soja e a transformação das práticas agrícolas estão entrelaçadas com mudanças políticas, econômicas, tecnológicas e ambientais. Sendo assim, estudo dessas mudanças é essencial para entender as interações entre diferentes culturas agrícolas, suas relações com o espaço e o tempo, e os impactos sobre as comunidades e o meio ambiente.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, F. M. **A Exploração e Utilização do Recurso // *Ilex paraguariensis* St. Hill – Erva Mate, seus Impactos Sócio-Econômicos Atuais Potencialidades de Manejo Sustentável.** Anais do I Seminário Nacional sobre Recursos Florestais da Mata Atlântica: A exploração e utilização dos recursos, seus impactos sócio-econômicos atuais e potencialidade de manejo sustentável. São Paulo, 1999, p. 24 - 33. Disponível em: <<https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/13D00178.pdf>> Acesso em: 12 de Junho de 2023.

BOGUSZEWSKI, J, H. **Uma História Cultural da erva mate**: o alimento e suas representações. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007. Disponível em:

<<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/10382/Disserta%0c3%a7%0c3%a3o.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 13 de junho de 2023.

COSTA, Samuel Guimarães da. **A Erva Mate**. – Curitiba: Secretaria de Estado do Planejamento e Coordenação Geral; Scientia Et Labor – Editora da UFPR, Curitiba, PR, 1989.

GARHARDT, Marcos. **História Ambiental da Erva Mate**. Tese (Doutorado no Programa de Pós Graduação em História)- Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, SC, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/107480/318857.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 01 de Junho de 2023.

GOLIN, T. **Mateando**: os ervais dos povos indígenas: história da erva-mate e do chimarrão. – Passo Fundo: Méritos, 2022 (Coleção A Fronteira, v.4, t.1).

LEFF, E. **Ecologia, capital e cultura: a territorialização da racionalidade ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009

LINHARES, T. **História Econômica do Mate**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

LUZ, M, Da. **Carijos e Barbaquás no Rio Grande do Sul: Resistência Camponesa e Conservação Ambiental no Âmbito da Fabricação Artesanal de Erva Mate**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) - Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, Porto Alegre, p. 223, 2011. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/40234/000821221.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: Julho de 2023.

MORESI, E. **Metodologia da Pesquisa**. 2003. Disponível em: <<http://www.inf.ufes.br/~pdcosta/ensino/2010-2-metodologia-de-pesquisa/MetodologiaPesquisa-Moresi2003.pdf>> Acesso em: 26 de Agosto de 2023.

SANTOS, M. **Pensando o Espaço do Homem**. 4 ed. São Paulo: HUCITEC, 1997.

RIO GRANDE DO SUL. **Informativo Roda de Mate**. ed. n°82. Abril de 2023. Disponível em: <<https://www.agricultura.rs.gov.br/upload/arquivos/202304/24095717-informativo-roda-de-mate-82-2023.pdf>>. Acesso em: 02 de Agosto de 2023.

OLIVEIRA, A, U, de. **A mundialização da Agricultura Brasileira**. Anais do XII Colóquio Internacional de Geocrítica - Universidade Nacional de Colombia, Bogotá – 2012. Disponível em:<<https://www.ub.edu/geocrit/coloquio2012/actas/14-A-Oliveira.pdf>> Acesso em: Agosto de 2023.

PORTO-GONÇALVES, C, W. **A Globalização da Natureza e a Natureza da Globalização**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

**Recebido em:** 31 de agosto de 2023

**Aceito em:** 15 de setembro de 2023